



MEJ

MOVIMENTO EUCARÍSTICO JOVEM

Brasil



Roteiros Mensais para Grupos

JANEIRO 2022

A FRATERNIDADE PRODUZ DIGNIDADE

01º Roteiro 2 – JANEIRO 2022

PREPARAR O ENCONTRO

Ambiente: Imagem do Sagrado Coração de Jesus, velas e cartazes sobre o respeito entre as pessoas

Intenção do Papa para o mês: Rezemos para que todas as pessoas que sofrem discriminação religiosa encontrem nas sociedades onde vivem o reconhecimento dos próprios direitos e da dignidade que nasce de sermos irmãos.

Tema: A FRATERNIDADE PRODUZ DIGNIDADE

Objetivo: Refletir a Fraternidade no amor que nos une como irmãos.

MOTIVAÇÃO

Oração inicial: Deus, nosso Pai, eu te ofereço todo o dia de hoje: minhas orações e obras, meus pensamentos e palavras, minhas alegrias e sofrimentos, em reparação de nossas ofensas, em união com o Coração de teu Filho, Jesus, que continua a oferecer-se a Ti, na Eucaristia, pela salvação do mundo.

Que o Espírito Santo, que guiou a Jesus, seja meu guia e meu amparo neste dia para que eu possa ser testemunhas do teu amor:

Com Maria, Mãe de Jesus e da Igreja, rezo especialmente pelas intenções do Santo Padre para este mês: o sacramento da reconciliação. Rezemos para que todas as pessoas que sofrem discriminação religiosas encontrem nas sociedades onde vivem o reconhecimento dos próprios direitos e da dignidade que nasce de sermos irmãos.

SE CAMINHAR É PRECISO (C)

Letra e Música: Simeu Monteiro

1 – Se caminhar é preciso, / caminharemos
unidos, / e nossos pés, nossos braços, /
sustentarão nossos passos. / Não mais seremos
a massa, / sem vez, sem voz, / sem história, / mas
uma Igreja que vai / em esperança solidária.

2 – Se caminhar é preciso, / caminharemos
unidos / e nossa fé será tanta / que transporá as
montanhas. / Vamos abrindo fronteiras / onde só
havia barreiras, / pois somos povo que vai / em

esperança solidária.

3 – Se caminhar é preciso, / caminharemos
unidos, / e o Reino de Deus teremos / como
horizonte de vida. / Compartiremos as dores, /
os sofrimentos e as penas, / levando a força do
amor / em esperança solidária.

4 – Se caminhar é preciso, / caminharemos
unidos, / e nossa voz no deserto / fará brotar
novas fontes. / E a nova vida na terra / será
antevista nas festas. / É Deus que está entre nós
/ em esperança solidária.

Para Aprofundar

“Curar o mundo”: 2. Fé e dignidade humana

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

A pandemia pôs em evidência quão vulneráveis e interligados estamos todos nós. Se não nos preocuparmos uns com os outros, a começar pelos

últimos, por aqueles que são mais atingidos, incluindo a criação, não podemos curar o mundo.

É de louvar o empenho de tantas pessoas que nestes meses estão a demonstrar amor humano e cristão pelo próximo, dedicando-se aos doentes até arriscando a própria saúde. São heróis! No entanto, o coronavírus não é a única doença a combater, mas a pandemia trouxe à luz patologias sociais mais vastas. Uma delas é a visão distorcida da pessoa, um olhar que ignora a sua dignidade e a sua índole relacional. Por vezes consideramos os outros como objetos, a serem usados e descartados. Na realidade, este tipo de olhar cega e fomenta uma cultura de descarte individualista e agressiva, que transforma o ser humano num bem de consumo (cf. Exort. ap. Evangelii gaudium, 53; Enc. Laudato si' [LS], 22).

Contudo, à luz da fé, sabemos que Deus olha para o homem e para a mulher de outro modo. Ele criou-nos não como objetos, mas como pessoas amadas e capazes de amar; criou-nos à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1, 27). Desta forma, deu-nos uma dignidade única, convidando-nos a viver em comunhão com Ele, em comunhão com as nossas irmãs e irmãos, no respeito de toda a criação. Podemos dizer, em comunhão, em harmonia. A criação é uma harmonia na qual somos chamados a viver. E nesta comunhão, nesta harmonia que é comunhão, Deus dá-nos a capacidade de procriar e de preservar a vida (cf. Gn 1,

28-29), de trabalhar e cuidar da terra (cf. Gn 2, 15; LS 67). Compreende-se que não podemos procriar nem preservar a vida sem harmonia; seria destruída.

Temos um exemplo desse olhar individualista, daquilo que não é harmonia, nos Evangelhos, no pedido feito a Jesus pela mãe dos discípulos Tiago e João (cf. Mt 20, 20-28). Ela gostaria que os seus filhos pudessem sentar-se à direita e à esquerda do novo rei. Mas Jesus propõe outro tipo de visão: a de servir e dar a vida pelos outros, e confirma-a restituindo a vista a dois cegos e fazendo-os seus discípulos (cf. Mt 20, 29-34). Procurar subir na vida, ser superior aos outros, destrói a harmonia. É a lógica do domínio, de dominar os demais. A harmonia é outra coisa: é o serviço.

Peçamos portanto ao Senhor que nos conceda um olhar atento aos irmãos e irmãs, especialmente aos que sofrem. Como discípulos de Jesus, não queremos ser indiferentes ou individualistas. São estas as duas atitudes negativas contra a harmonia. Indiferente: olho para o outro lado. Individualista: considerar apenas o próprio interesse. A harmonia criada por Deus pede que olhemos para os outros, para as necessidades dos demais, para os problemas do próximo, estar em comunhão. Queremos reconhecer em cada pessoa a dignidade humana, qualquer que seja a sua raça, língua ou condição. A harmonia faz reconhecer a dignidade humana, aquela harmonia criada por Deus, com o homem no centro.

O Concílio Vaticano II evidencia que esta dignidade é inalienável, porque «foi criada à imagem de Deus» (Const. past. *Gaudium et spes*, 12). Ela é a base de toda a vida social e determina os seus princípios operacionais. Na cultura moderna, a referência mais próxima ao princípio da dignidade inalienável da pessoa é a Declaração Universal dos Direitos do Homem, que São João Paulo II definiu «uma pedra miliária, posta na longa e difícil caminhada do género humano» (Discurso à Assembleia geral das Nações Unidas, 2 de outubro de 1979, n. 7) e como «uma das mais altas expressões da consciência humana» (Discurso à Assembleia geral das Nações Unidas, 5 de outubro de 1995, n. 2). Os direitos não são apenas individuais, mas também sociais; são dos povos, das nações (cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 157). Com efeito, o ser humano, na sua dignidade pessoal, é um ser social, criado à imagem do Deus Uno e Trino. Nós somos seres sociais, precisamos de viver nesta harmonia social, mas quando há egoísmo, o nosso olhar não se dirige para os outros, para a comunidade, mas volta-se para nós mesmos e isto torna-nos irracionais, maus, egoístas, destruindo a harmonia.

Esta consciência renovada pela dignidade de cada ser humano tem sérias implicações sociais, económicas e políticas. Olhar para o irmão e para toda a criação como uma dádiva recebida do amor do Pai suscita um comportamento de atenção, cuidado e admiração.

Assim o crente, contemplando o próximo como um irmão e não como um estranho, olha para ele com compaixão e empatia, não com desprezo ou inimizade. E contemplando o mundo à luz da fé, esforça-se por desenvolver, com a ajuda da graça, a sua criatividade e entusiasmo para resolver os dramas da história. Ele concebe e desenvolve as suas capacidades como responsabilidades que fluem da fé (ibidem), como dons de Deus a serem postos ao serviço da humanidade e da criação.

Ao trabalharmos todos para curar um vírus que atinge indistintamente todos, a fé exorta-nos a comprometer-nos séria e ativamente a contrastar a indiferença face às violações da dignidade humana. Esta cultura da indiferença que acompanha a cultura do descarté: as coisas que não me dizem respeito não me interessam. A fé exige sempre que nos deixemos curar e converter do nosso individualismo, tanto pessoal como coletivo: por exemplo, um individualismo de partido.

Que o Senhor nos “restitua a vista” para redescobrir o que significa sermos membros da família humana. E que este olhar se traduza em ações concretas de compaixão e respeito por cada pessoa e de cuidado e tutela pela nossa casa comum.

Catequese Papa Francisco - Quarta-feira, 12 de agosto de 2020 -

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/>

[2020/documents/papa-francesco_20200812_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/sacra_theologia/press/2020/documents/papa-francesco_20200812_udienza-generale.html)

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Escutar o mantra: Onde Reina o Amor - <https://www.youtube.com/watch?v=UpmnLafCO0o>

(momento de silêncio e interiorização)

Deixar os jovens livres para falar:

1. O que é Fraternidade?
2. O que é Dignidade?
3. Como posso ser protagonista da fraternidade pra gerar dignidade?

ANÁLISE DA DEMANDA

Incentivar que o jovem faça a análise de forma livre espontânea.

DISCERNIMENTO CRISTÃO

Iluminação bíblica:

Evangelho – Jo 13, 34 - 35

+ Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo João

"34. Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. 35. Nisso todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros". "

Palavra da Salvação - Glória Vós Senhor.

Trechos da Homilia do Papa Francisco no V Domingo da Páscoa – 2019 – por franciscanos.org.br

“Como eu vos ameí”: um amor “universal, incondicional e sem limites, que encontra seu ápice na Cruz”. Esta é a novidade no mandamento do amor, que Jesus confia aos discípulos antes de partir deste mundo.

Francisco começou explicando que o Evangelho do dia nos leva até o Cenáculo, justamente “para nos fazer escutar algumas das palavras que Jesus dirigiu aos

discípulos no “discurso de despedida”, antes de sua Paixão. Depois de ter lavado os pés dos Doze, diz a eles: ‘Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros’”.

A novidade

“Em que sentido Jesus chama esse mandamento de ‘novo’?”, pergunta o Papa, recordando que “já no Antigo Testamento Deus havia ordenado aos membros do seu povo para amar o próximo como a si mesmo”.

E o próprio Jesus – acrescenta o Santo Padre – dizia a quem lhe perguntava sobre qual era o maior mandamento da Lei que “o primeiro é amar a Deus de todo o coração e o segundo amar o próximo como a si mesmo”. Então, qual é a novidade, porque o chama de “novo mandamento”? “O antigo mandamento do amor tornou-se novo, porque foi completado com este acréscimo: “como eu vos amei”, “amai-vos como eu vos amei”. A novidade está toda no amor de Jesus Cristo, aquele com o qual ele deu a vida por nós. Trata-se do amor de Deus, universal, incondicional e sem limites, que encontra seu ápice na Cruz. Naquele momento de extremo rebaixamento, naquele momento de abandono ao Pai, o Filho de Deus mostrou e deu ao mundo a plenitude do amor”.

Na Paixão, o ensinamento do amor total

E foi pensando na Paixão e na agonia de Cristo, que “os discípulos compreenderam o significado daquelas palavras: “Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros.” Jesus nos amou primeiro – recorda Francisco – nos amou apesar de nossas fragilidades, nossas limitações e nossas fraquezas humanas: “Foi Ele quem nos fez dignos de seu amor que não conhece limites e nunca acaba. Ao nos dar o novo mandamento, ele nos pede que nos amemos mutuamente não somente e não tanto com o nosso amor, mas com o seu, que o Espírito Santo infunde em nossos corações se o invocarmos com fé. Deste modo – e somente assim – podemos nos amar mutuamente não somente como amamos a nós mesmos, mas como Ele nos amou, isso é, imensamente mais”.

Do amor de Cristo na Cruz brota uma força transformadora

O amor de Deus por nós – afirmou o Papa – é muito maior do que o amor que nós temos por nós mesmos. E tendo consciência disto, “podemos espalhar por toda parte a semente do amor que renova as relações entre as pessoas e abre horizontes de esperança”.

“Jesus sempre abre horizontes de esperança, o seu amor abre horizontes de esperança”. Um amor, que “nos torna homens novos, irmãos e irmãs no Senhor, e

faz de nós o novo povo de Deus, isto é, a Igreja, na qual todos são chamados a amar a Cristo e n'Ele a amar-se mutuamente”.

“O amor que se manifestou na Cruz de Cristo e que Ele nos chama a viver é a única força que transforma nosso coração de pedra em um coração de carne; a única força capaz de transformar o nosso coração é o amor de Jesus, se nós também amarmos com este amor. E este amor nos torna capazes de amar nossos inimigos e perdoar aqueles que nos ofenderam ”.

Sou capaz de perdoar a quem me fez mal? E o Papa faz uma pergunta, para cada um responder em seu coração: “Sou capaz de amar os meus inimigos? Todos temos pessoas, não sei se inimigos, mas que não estão de acordo conosco, que estão “do outro lado”; ou alguém tem pessoas que lhe fizeram mal. Eu sou capaz de amar estas pessoas? Aquele homem, aquela mulher que me fizeram mal, que me ofenderam. Sou capaz de perdoá-los? Cada um responde em seu coração”, ressaltou o Papa.

“O amor de Jesus – completou o Papa – nos faz ver o outro como um atual ou futuro membro da comunidade dos amigos de Jesus; nos estimula ao diálogo e nos ajuda a escutar-nos e conhecer-nos reciprocamente. O amor nos abre para o outro, tornando-se a base dos

relacionamentos humanos. Torna capazes de superar as barreiras das próprias fraquezas e preconceitos.”

“ O amor de Jesus em nós cria pontes, ensina novos caminhos, desencadeia o dinamismo da fraternidade.”
Que a Virgem Maria nos ajude com sua materna intercessão – foi o pedido do Pontífice ao concluir – a receber de seu Filho Jesus o dom do seu mandamento e do Espírito Santo a força para praticá-lo na vida cotidiana.

Link - <https://franciscanos.org.br/noticias/papa-como-eu-vos-amei-e-a-novidade-no-mandamento-do-amor.html#gsc.tab=0>

Chaves de reflexão: Nesse momento um pouco de silêncio para reflexão pessoal e em seguida alguém fazer uma reflexão com o grupo (a critério de cada lugar).

ORAÇÃO FINAL

Oração final: Encerrar com a oração do Click To Pray (manhã, tarde ou noite)